

DOIS CRÍTICOS DO NATURALISMO JAPONÊS E AS LEITURAS DE SEUS CRÍTICOS: NATSUME SŌSEKI, MORI ŌGAI E UMA VERSÃO DO *SHISHŌSETSU*

Fabio Pomponio SALDANHA*

- **RESUMO:** O trabalho assume duas frentes: primeiramente, releio argumentos de críticos ligados à Psicanálise e Estética, focadas no erotismo, em *Kokoro*, de Natsume Sōseki. Explorando os argumentos, tento observar como o texto literário é lido como transparente, testemunho para obter um laudo para Sensei e Watakushi, e quais são as aporias ao dar à literatura força suficiente para sustentar um laudo, sem considerar a ficcionalização da realidade como já mediada. Para matizar os argumentos considerados taxativos, em torno da construção das figuras homossexuais e heterossexuais em *Kokoro*, o segundo movimento traz como baliza *Vita Sexualis*, de Mori Ōgai, e suas tensões com a estética Naturalista. Almeja-se, pela exposição, demonstrar como o Romance do Eu (*shishōsetsu*) foi lido em paralaxe e, ao longo da tentativa de matização, tento demonstrar que os argumentos só podem ser levados às últimas consequências caso se insira a crítica literária como responsável pela tradução do desejo como transparente, a ponto de definições psicanalíticas proporem um laudo às personagens, e como o próprio *shishōsetsu* passa a ser reconhecido como primazia da narrativa autocentrada (e autobiográfica). As tensões são observadas para se justificar tal gesto como violência epistêmica, dado que, na construção argumentativa, o ignorado é a relação já crítica dos autores japoneses selecionados com o Naturalismo, tentando, na conclusão, balizar outras possibilidades de olhar os mesmos problemas da crítica selecionada (ou seja, em anuência com a análise dos desejos e do homoerotismo) e o observável disso, tendo em mente a aporia da situação repressiva da época.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Natsume Sōseki. Mori Ōgai. *Kokoro*. *Vita Sexualis*. Naturalismo Japonês.

* Desenvolve pesquisa de Doutorado no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (DTLLC), na Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – SP – Brasil, no Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, com financiamento concedido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2022/15480-7. É graduado em Letras (Português-Japonês) pela mesma Universidade. E-mail: fabio.saldanha@usp.br. Gostaria de agradecer aos pareceristas anônimos pelas indicações de leitura e comentários elaborados, quando da submissão deste trabalho para avaliação, ressaltando, também, que a responsabilidade pelo conteúdo final, mesmo depois das revisões, continua sendo minha.

Introdução

Ainda que pareça exercício já feito em demasia, tautologicamente por este mesmo motivo, uma introdução que pensasse voltar mais uma vez ao momento da abertura japonesa ao Ocidente, marcando o fim da transição do Período Edo (1603-1868) para o início do Período Meiji (1868-1912) e as subsequentes transformações sociais que mudaram drasticamente a vida da sociedade japonesa é, talvez, uma faca de dois gumes. Isso indica, necessariamente, no mínimo duas versões do fato que pareceriam mostrar diversos entrecruzamentos possíveis, a cada novo recorte a ser eventualmente feito, assim como também quando se questiona o próprio narrar da historiografia literária, que consagra exatamente a “entrada” para a Modernidade como um ponto crucial de retorno do olhar.

Para aproveitar a paráfrase e a repetição enquanto exercício de diferenciação: voltar os olhos a Meiji como uma permanência de inquietação não necessariamente precisaria significar somente adesão ao até então já visto (cf. KATO, 1983, 2013; KEENE, 1984a-b), mas sim, com o acúmulo já dado de olhares diferentes, não só para o período a ser visto como Moderno no Japão, voltar a atenção é também reler aquilo que, possivelmente, já fora incansavelmente lido e, por se dar de alguma maneira como território vencido, permitiria, por fim, observar o rastro das decisões tomadas de maneira um tanto apressada pela crítica. Os olhares aos quais este texto se dedicará são aqueles necessariamente ligados a questões que hoje se enquadrariam nas observações a respeito das tensões entre a hetero e a homossexualidade, tendo em mente que, no contexto de escrita, ou seja, a virada do século XIX para o XX, o primeiro termo era tido como o pólo a ser respeitado na tensão e, o segundo, tido como desvio, problema que instigava não só a instituição clínica, mas também a de pesquisadores de diversas áreas do saber, ao redor do mundo (CORDARO, 2017a; PFLUGFLERDER, 1999; RUBIN, 1998; VINCENT, 2011).

Se aqui se está falando, principalmente, do papel que o erotismo (e seus usos na literatura) passa a ter a partir da virada para o século XX e das mudanças que o contato com o Ocidente geraram no Japão, recorre-se ao estudo de Madalena N. H. Cordaro, “Uma leitura erótica de Sōseki” (2017a)¹, quando a autora demonstra que:

o termo “amor” aparece como empréstimo linguístico do inglês (*rabu* ou *rābu*), mas logo é traduzido para o japonês como *ai* 愛, ou *ren'ai* 恋愛, um conceito eminentemente cristão [...] [há] também a redução de um rico vocabulário do período Edo em relação a relações afetivas: *iro* 色, *koi* 恋, *nasake* 情け, *irogonomi* 色好み, *kōshoku* 好色, *shikidō* 色道 foram todos relacionados à luxúria [...], um

¹ Se, caso o intuito fosse o de se observar com mais atenção a maneira como a erótica se desenvolve na pintura e na escritura japonesa, no período imediatamente anterior a Meiji, recomendar-se-ia outro estudo da mesma autora, *A erótica japonesa na pintura e na escritura dos séculos XVII a XIX* (Cordaro, 2017b), como a fonte primordial de contato.

dos terríveis sete pecados capitais. Poderíamos ainda acrescentar outros termos que grassavam nos escritos então tachados como vulgares e indignos mas que eram fartamente utilizados até há pouco em Edo, tornada Tóquio no período Meiji: *wakashudō* 若衆道 (o caminho de amar rapazes), *nyodō* 女道 (o caminho de amar mulheres), *nanshoku* 男色 (o apreço pelo amar homens), *nyoshoku* 女色 (o apreço pelo amar mulheres), *onnagirai* 女嫌 (a repulsa a mulheres), *tomogui* 共食い (o devorar a companheira). Sofre grande golpe o universo das áreas de prazeres, as figuras de cortesãs de diversos ranques e preços, gueixas das artes mais sofisticadas, dançarinas de expressividade ímpar, garçonetes impertinentes, massagistas hábeis das casas de banho, músicos e guias expertos dos entretenimentos, atores jovens e maduros, atores *onnagata*, mulheres e rapazes sustentados e em efêmeros relacionamentos. Embora a áreas de prazeres Yoshiwara somente tenha sido fechada em 1956, sua posição após a Restauração Meiji foi quase que totalmente relegada ao ostracismo e ao anacronismo, uma presença dificilmente reconhecida pelo mundo da legalidade então empenhada em emular os modos civilizados de uma Inglaterra, de uma Alemanha. Diminui crescentemente em luxo e apelo sensual o esplendor da cortesã *yūjo* 遊女, dantes sinônimo de requinte artístico na dança, no arranjo floral, na cerimônia de chá e de aromas, na caligrafia e no desenho, que em geral costumava se agregar a alguma grande casa após servido o termo de dez anos em algum estabelecimento. Cortesãs representadas como a bodisatva da misericórdia Kannon, como se veem nas pinturas de Hishikawa Moronobu 菱川師宣 (1618?-1694) e nos escritos de Ihara Saikaku 井原西鶴 (1642-1693), atestam a proximidade à sacralidade que o corpo sensual tinha, em conexão direta com o papel executado desde a antiguidade pelas *miko* em sua ligação física com as divindades. O estigma cristão recém importado engloba as trabalhadoras do mundo dos sentidos na posição única de “prostituta” e as relegam à marginalidade para o restante de suas vidas. O decreto de 1872 promulgado pelo governo de Meiji é eloquente: “Prostitutas e gueixas perdem seus direitos humanos, tornando-se iguais a cavalos e gado”. Embora a monogamia passe a ser o sistema oficial para as relações amorosas, para os homens as relações extra-maritais são toleradas, o que ainda proporciona uma sobrevivência às profissionais dos sentidos. (CORDARO, 2017a, p. 10-11; grifos do autor)

Se o espelho do que passou já indica a diferença, tanto nos possíveis olhares, quanto no vocabulário que se passa a utilizar, para se pensar os mundos dos desejos ali contrapostos com um diferente, a ser ainda atingido a partir de um outro amor, o romântico, a exploração dos prazeres e do mundo do sexo perpassa tanto estudos relacionados à academia (PFLUGFLERDER, 1999) quanto às formas literárias (CORDARO, 2017a; VINCENT, 2011). Nesses termos, a virada dos séculos em questão foi palco do surgimento de diversas disciplinas que buscavam pensar os

âmbitos e as questões relativas ao sexo, ao desejo e seus imbricamentos na criação de uma noção de ser: desde a Sexologia, até o posterior desenvolvimento da Psicologia e da Psicanálise, diversos foram os campos do saber e de pesquisa que se embrenhavam nas questões dos afetos, do mundo dos desejos e a profusão de saberes que se torna também observável dentro do Japão, refletindo na mudança de vocabulário relacionado a este campo, assim como na maneira que isso entrara na literatura em si (CORDARO, 2017a; PFLUGFLERDER, 1999).

Em termos estéticos, aquilo que ganha terreno, ou seja, a base a reger tal forma de narrar, é o Romance do Eu, o *shishōsetsu* (私小説), forma-chave do Naturalismo no Japão, sendo uma de suas características principais a narração em primeira pessoa que, em pouco tempo, passa a assumir como critério um tanto consensual de leitura que a narrativa ali explorada teria algo de relação com a vida do autor que a escreve (NAGAE, 2006; SIBLEY, 1968), ao mesmo tempo também explorando, a partir dessa ótica, seus desejos e suas formações² em diversos campos da vida.

Um ponto de suspeita é o dito imediatamente anterior: a relação eu-narrador com o dêitico da autoria, quando ignorado também o contexto da produção segundo a qual o Naturalismo teria ganhado força no Japão. A suposição da correlação direta entre um e outro faz com que se oblitere da questão a forte censura da época que fazia, em termos de escolhas estéticas, que algumas formas de narrar fossem tidas como melhores para que os livros, no momento de publicação, não chegassem a ser retirados de circulação imediatamente após seu lançamento (RUBIN, 1998)³. Transformar o conteúdo dito pelos olhos de um eu narrador, portanto, não necessariamente significa a relação intrínseca do dêitico, mas sim, que a maneira pela qual se escolhiam tópicos, lugares e datas, relacionados (ou não) diretamente com algo a ter acontecido dentro da vida daquele a assinar o texto, já partilhava de uma memória coletiva capaz de reler tais tópos sem necessariamente precisar se encerrar a ótica da leitura em uma relação autobiográfica⁴ (NAGAE, 2006).

² Destaca-se esse termo para podermos pensar também as adaptações e as questões a partir dos leitores críticos do Naturalismo (como se entenderá neste texto tanto Natsume Sōseki, quanto Mori Ōgai), na mimetização já com intenção não somente de adesão para a estética naturalista, quando, na observação do narrado em *Vita Sexualis*, se possa ver uma espécie de formação dos desejos e prazeres como necessariamente frustrada sem que se incorra, obrigatoriamente, na associação a critérios autobiográficos, como apresentados, por exemplo, na tradução brasileira (cf. MORI, 2014), e como anteriormente discutido por mim em outros trabalhos (cf. SALDANHA, 2018).

³ *Vita Sexualis* é um dos exemplos. Jay Rubin (1998), em *Injurious to public morals: writers and the Meiji State*, ainda destaca que, mesmo sendo condenados à censura, livros como os de Mori Ōgai se tornavam esgotados em questão de horas: a consequência, para aquele que decretava a censura, era ter que descobrir por onde estavam circulando tais objetos para ser possível a apreensão, fato extremamente trabalhoso e nem sempre bem-sucedido.

⁴ Isso não significa dizer que as escolhas pelo *shishōsetsu* também não poderiam realmente significar uma primazia pela narrativa autocentrada. É a generalização como ferramenta restritiva de análise que se busca questionar aqui.

Ainda que, no entanto, não diretamente relacionados pela historiografia (cf. KATO, 1983, 2013; KEENE, 1984a-b) como naturalistas, *Kokoro* (de Natsume Sōseki) e *Vita Sexualis* (de Mori Ōgai) serão alvo de discussão neste texto por colocarem em questão, já no próprio momento de mudanças turbulentas no Japão Moderno, se aquilo a ser tão observado e divulgado como coeso e correto definitivamente possuía um único eixo de possibilidade para ser trabalhado esteticamente, em uma única forma e receituário – ou seja, o conhecimento da época tanto ali chegado, quanto aprofundado, o desenvolvimento de toda uma estética pensada através da narrativa em primeira pessoa, centrada na reformulação da formação dos desejos e da noção do próprio Eu enquanto categoria a se reconhecer como digna de nota e eternização na obra literária como não necessariamente sempre dêitica.

Ao se utilizarem da forma e do conhecimento da época, tanto Natsume Sōseki quanto Mori Ōgai parecem fornecer visões que, em um primeiro momento, propiciaram ou a negação da fala a respeito do erótico, do desejo principalmente voltado ao que se passa a caracterizar como homoerótico (Natsume Sōseki, como entendido por Madalena N. H. Cordaro [2017a]), ou pelo questionamento do que se torna a consequência do narrar a própria formação do desejo e do Eu, dentro do molde estabelecido pela época, ou seja, o Naturalismo (em Mori Ōgai, como se buscará matizar os argumentos sobre a formação dos desejos neste texto).

Este trabalho, por fim, tenta retrabalhar as questões apontadas pelas referências até aqui estabelecidas como ponto de partida e, por vezes, de concordância e também discordância, para que se chegue na proposta aporética que tenta unir violência, *shishōsetsu*, homoerotismo e a visão de quem analisa a obra como determinantes da importância de um outro olhar para a virada dos séculos XIX e XX no Japão “recém-aberto” ao Ocidente (aqui a ser entendido como um misto entre Europa e Estados Unidos, ainda que a própria generalização traga consigo consequências possivelmente negativas à tentativa de novas análises).

Dois autores, suas críticas e as leituras de seus críticos

Definida, por Laplanche e Pontalis, em seu *Vocabulário de Psicanálise* (1993), a *Nachträglichkeit* está relacionada a termos

[...] termos frequentemente utilizados por Freud com relação à sua concepção da temporalidade e da causalidade psíquicas. Há experiências, impressões, traços mnésicos que são ulteriormente remodelados em função de experiências novas, do acesso a outro grau de desenvolvimento. Pode então ser-lhes conferida, além de um novo sentido, uma eficácia psíquica (LAPLANCHE; PONTALIS, 1993, p. 33).

Se assim é conferido como movimento integrador da figura em questão, Watakushi, o narrador de *Kokoro*, passa pelo entendimento de Keith J. Vincent, em “Sexuality and Narrativity in Sōseki’s *Kokoro*” (2011) da seguinte forma, em sua análise que aproxima a *Nachträglichkeit* e outros conceitos psicanalíticos à obra de Natsume Sōseki:

regardless of its “historical” accuracy, the contrast between the present of narration and the narrated past sets up an implied path of development in which *Watakushi* grows not only into his own heterosexuality, but also, and not at all paradoxically, into a position from which his *earlier* homosexuality can be recognized and disavowed at the same time (VINCENT, 2011, p. 228)⁵.

O que Keith J. Vincent (2011) explora em seu artigo, João M. A. R. Monzani, em sua dissertação “Uma abordagem do romance ‘*Kokoro*’ de Natsume Sōseki” (2013), em contrapartida, se esforça para se desvencilhar, ainda que reconheça traços de homoerotismo em *Kokoro* – ou seja, focam-se nas interpretações majoritariamente ligadas à vontade de comprovar (ou negar) que o narrado no romance de Natsume Sōseki é o abandono da homossexualidade, para o caminho da heterossexualidade tardia em Watakushi, ao recontar sua própria vida, a partir do momento em que conheceu Sensei (o Professor), até a morte (não comprovada) dessa figura de homem mais velho que, em seu testamento, descrito em forma de carta na última parte do livro, deixa mais evidente que o segundo, e não o primeiro, teria de alguma forma comprovado ser homossexual⁶.

No entanto, o que talvez una os dois autores mencionados é o ato de hesitar perante aquilo que relêem como característico da crítica japonesa observada e estudada por ambos: a aceitação direta do lido no literário a ser analisável como testemunho disponível à psicanálise e da crítica literária psicanalítica, na qual não seria necessário somente aproximação por afinidades temáticas, mas sim, constatação daquilo que se espera em um testemunho, por assim dizer, de um humano, os traços homoeróticos.

⁵ Tradução própria: “independentemente de sua veracidade ‘histórica’, o contraste entre o presente da narrativa e o passado narrado cria um caminho implícito de desenvolvimento no qual *Watakushi* cresce não só na direção de sua própria heterossexualidade, mas também, e de forma nada paradoxal, em uma posição na qual sua homossexualidade *anterior* pode ser reconhecida e invalidada ao mesmo tempo.” É a facilidade com a qual os conceitos são aproximados fora do ambiente de escuta do consultório psicanalítico, além da possibilidade de se perceber o texto literário como testemunho transparente, diegético, da realidade, que se buscará colocar em tensão aqui.

⁶ Há uma leitura comparativa do suicídio como honra a partir de *Kokoro* e dos escritos históricos de Mori Ōgai em Doris G. Bargen, *Suicidal honor: General Nogi and the writings of Mori Ōgai and Natsume Sōseki* (2006).

A partir de uma relação mimética entre os significantes literatura-mundo, realidade-testemunho-ficção, estabelece-se um caminho, como os antigos *dō* 道, no qual uma figura mais velha (Sensei) ensina e prepara o mais novo (Watakushi, o Eu) para um mundo regrado por uma ética e uma estética, nesse caso, o mundo dos prazeres. Ao suporem total análise do homoerotismo como condenação e erro, o caminho sugerido pelos críticos passa a ser então o de uma preparação para um estágio superior, correto, ponto de chegada, o heteroerotismo (cf. VINCENT, 2011; CORDARO, 2017a⁷).

Essa narrativa criada por Natsume Sōseki é lida, portanto, através da ideia do só-depois (*Nachträglichkeit*)⁸, porque a história a ser narrada em primeira pessoa por Watakushi (私) só existe dado o recebimento da carta de Sensei, na qual anuncia seu suicídio. A rememoração do dia em que conhecera a figura mais velha nas praias de Kamakura, até a construção de um relacionamento próximo com Sensei, nos 36 capítulos da primeira parte (“Sensei e Eu”), termina com a volta de Watakushi para a casa dos pais, no interior, e o deterioramento da saúde do pai, até a quase morte do mesmo, na segunda parte (“Meus pais e Eu”), que se interrompe na narrativa quando da chegada do testamento de Sensei, que ocupa toda a terceira parte do romance.

Trechos da primeira parte são majoritariamente escolhidos para justificar as análises, seja como testemunho, seja como papel para perceber a aproximação possível psicanalítica, quando da vontade de comprovação de que o homoerotismo é um estágio a ser superado (cf. CORDARO, 2017a; VINCENT, 2011), como no seguinte diálogo:

- É um degrau para subir à paixão. Por uma questão de ordem, veio em primeiro lugar para mim, do mesmo sexo, para chegar depois a abraçar alguém do sexo oposto.
- Acho que as duas coisas são de naturezas completamente distintas.
- Não, são a mesma coisa. Eu, por ser homem, jamais poderei satisfazer você. E ainda, por causa de um motivo particular, consigo menos ainda satisfazer você (NATSUME, 2008, p. 55)⁹.

⁷ Ressalto que as conclusões são de Keith J. Vincent e Madalena N. H. Cordaro, baseado naquilo que afirmam os teóricos que escolhem dialogar. Meu ponto, no entanto, até o fim, será de que, o ato de tomar como testemunho analisável e psicanaliticamente discutível, a ponto de gerar um laudo para Watakushi, pressupõe uma relação com a realidade não disponível na literatura, caso ela não seja entendida só e somente só como mimese e reflexo da realidade.

⁸ Tanto por mim, quanto por Keith J. Vincent (2011). A justificativa de escolher “só-depois” como a tradução pode ser encontrada no estudo de Luís Maia e Fernando C. B. Andrade, em seu texto “*Nachträglichkeit*: leituras sobre o tempo na metapsicologia e na clínica” (2010).

⁹ As traduções de *Kokoro* são de Junko Ota.

A ideia de subir algum degrau à paixão¹⁰ para uma outra forma de amor, contrapõe 同性 e 異性 (*dōsei, isei*, neologismos do fim do século XIX para homo e heterossexualidade), indicando, na fala de Sensei, que há ali um entendimento de que as satisfações procuradas por Watakushi não podem, mesmo se um dia puderam, ser completamente realizadas no domínio do amor entre os homens. Destaca Madalena N. H. Cordaro (2017a), na sua leitura erótica de Sōseki:

Se acompanhamos os escritos de Edo, vemos também que a fase homoerótica é mantida enquanto fisicalidade até certa idade; o juvenzinho deve ser eterno. Passados os anos verdes, dois companheiros podem sair em *Peregrinação a Pé pela Tōkaidō* (*Tōkai dōchū hiza kurige* 東海道中膝栗毛), como nos narra em 1802 Jippensha Ikku 十返舎一九 (1756-1831), mas não mais enquanto par amoroso. Ou, como tratou o diretor Ōshima Nagisa 大島渚 (1932-2013) no filme *Gohatto* 御法度 (*Tabu*, ou Édito Xogunal), em 1999, enquanto narrativa centrada no violento, vingativo e erótico juvenzinho em meio a guerreiros do grupo *shinsengumi* de fins de xogunato (CORDARO, 2017a, p. 21).

Ainda que o período anterior pressupusesse a existência do homoerotismo somente enquanto o garoto fosse jovem e belo (cujo *dō* correspondente era exatamente isto, *wakashudō*, 若衆道), a ideia de o passo seguinte ser a entrada na heterossexualidade como o correto substitui o ético-estético por outra ética vista só-depois e relida de forma anacrônica, trocando o feito (visto) pela regra, a descrição (de uma realidade) pela norma (universalizada). Se Watakushi reconta aquilo que viveu ao lado de Sensei somente depois do recebimento de novas informações sobre esta figura enigmática, que sempre falou de forma lacunar, pelas suas memórias, ou seja, no registro do só-depois, a inversão feita pela crítica literária, quando se debruça ao redor dos desejos entre homens nas viradas de século, dentro da produção literária, toma uma paralaxe como caminho certo, descreve algo, tanto quanto Watakushi, de maneira sempre posterior, com um conhecimento que não era próprio do momento¹¹.

¹⁰ Em japonês “恋に上る階段なんです” (NATSUME, 1914, n.p).

¹¹ Misturando, inclusive, um laudo a alguém cuja voz não se ouve com a possibilidade de entender aquele a ali de fato reconstruir a sua própria formação identitária ao lado da figura que admirava. A paralaxe da leitura desliza uma determinação a respeito de Watakushi, enquanto o mesmo reconta suas memórias e as interpreta (ou seja, já há ali trabalho elaborativo em termos metafóricos e não simplesmente descritivos, caso se pudesse acreditar na transparência não-metafórica da linguagem) para voltar a falar de Sensei: o laudo, quando se passa à figura de Watakushi, por fim, mistura o dito e imaginado pelo narrador a respeito de outrem para que se aplique a ele, distorcendo uma lógica de entendimento ético-estético já não mais disponível (o *wakashudō*), a outro momento da história japonesa.

O que significa dizer, de outra forma um tanto mais matizada, que toda leitura é, por fim, sempre posterior ao momento do acontecimento dos fatos. No entanto, leituras que tomam a interpretação do narrado por Watakushi como um testemunho de sua própria homossexualidade temporária, distorcem tanto uma possível interpretação ético-estética do *dō* vindo de Edo, quanto confundem os espaços para a tentativa de entendimento da função da repressão nos desejos. Não há nada, em uma demonstração teleológica do tempo, que indique sempre o próximo passo como melhor, mais elaborado, do que o anterior, a partir do momento no qual se caminha, sem já não estar contaminado pela própria maneira de olhar do crítico: os estudos acima mencionados dividem entre si tal paralaxe quando supõe a possibilidade de produção do laudo da homossexualidade de Watakushi como perversão a ser superada, quando comparada com o ciclo preso de desenvolvimento corrompido de Sensei, transformando a primeira parte do romance em uma construção testemunhal transparente e ignorando a distância temporal percorrida pela narração, quando do sumiço da voz de Sensei, que sempre é narrado por Watakushi, a não ser em sua carta-testamento.

Além disso, a opacidade do narrado, ao implicar também um excesso de escavamento a partir da crítica, quando da produção do laudo, é assim tanto na reconstrução do tempo, quanto na figura em si de Sensei¹². Menos, portanto, do que chegar na mesma conclusão, o que se busca destacar é o fato de a opacidade frente ao desejo não ser só e somente só um convite para que se leia as minúcias e se chegue na conclusão taxativa, na qual o observado é uma teoria a respeito dos desejos, respaldada pela estrutura narrativa utilizada pela época, mas a própria construção de uma impossibilidade do entendimento de uma época em transição, dado que, talvez, a crítica literária seja uma das mais responsáveis por ver o desenvolvimento metonímico da nação na criação e na formação de personagens literárias (BHABHA, 2013).

Se assim se pode entender, por fim, a formação do indivíduo também como espelho de uma formação nacional apressada, os usos dos desejos e o *shishōsetsu* um tanto confuso de Mori Ōgai em *Vita Sexualis* talvez seja o contraponto mais explícito a *Kokoro* (cf. CORDARO, 2017a), ainda que as conclusões, como se busca apontar, tentem comprovar, senão uma similitude maior ao pensarmos o fim do romance, ao menos nos usos e nas construções possíveis a partir de uma outra teoria da repressão do desejo do diferente¹³.

¹² Ao focar na construção de outros modelos fora da "regra" comunitária japonesa, João M. A. R. Monzani (2013), em sua análise de *Kokoro* já mencionada, elabora, com mais atenção do que o permitido pelo foco aqui, outras individualidades possíveis nas personagens de Natsume Sōseki.

¹³ Madalena N. H. Cordaro (2017a), em seu ensaio já mencionado, apesar de estabelecer *Vita Sexualis* como um contraponto a *Kokoro*, assim o faz por considerar a possibilidade de ler o erotismo no primeiro de forma explícita, enquanto no segundo isto seria impossível. Talvez menos do que uma impossibilidade total, o que se pode notar é, aqui, como voltarei a sustentar, que em nenhum dos

O narrador que ocupa a parte central do livro, Kanai Shizuka, conta, em primeira pessoa, sua incursão desde pequeno naquilo que, se estivéssemos em Edo, seria considerado o Mundo dos Prazeres, assim como todo o seu desenvolvimento sexual, até o casamento e o nascimento do filho. A vontade de transformar em narrativa sua formação sexual se dá de uma forma um tanto obtusa, dado que, nas intromissões em terceira pessoa (nas pequenas primeira e terceira partes do livro¹⁴), o que fica registrado é o fato de, pela insatisfação com o conteúdo final, Kanai escreve na capa do livro o título *Vita Sexualis* e tranca-o em um baú.

O descompasso do entendimento a respeito dos anos iniciais, antes de entrar para um internato somente de garotos, faz de Kanai uma personagem que, mesmo já rodeada de pessoas educadas no Mundo dos Prazeres, ainda era um grande desconhecedor do mesmo. Cenas como a confusão ao ver uma genitália desenhada em um livro erótico, entendendo aquilo como um pé, e ao não saber responder um estranho que lhe interpelava na rua, questionando-o se o mesmo sabia o que seus pais faziam à noite, abriam, então, o caminho da curiosidade de filósofo que Kanai passou a considerar como sua, sempre buscando observar o mundo ao seu redor e entender o porquê do mesmo se constituir da forma como era, tendo como teoria construída de que os desejos moldavam, de certa forma, categorias de pessoas dentro da sociedade.

Quando chega ao internato, ainda que não iniciado nas artes dos prazeres, Kanai distingue dois tipos de jovens garotos: os dândis e os broncos. Tal distinção importa para pensarmos os caminhos do erotismo já em Meiji, com a condenação do segundo, tendo em vista o primeiro: os dândis seriam aqueles a encontrar o caminho dos prazeres, desde cedo, entre mulheres e nas casas de prazeres de mulheres, enquanto os broncos seriam aqueles cujo caminho erótico era o amor entre homens. Observa-se na narrativa a maneira como Kanai descreve seus amigos, Koga e Kojima, dois broncos¹⁵:

dois o erotismo é explícito a ponto de ser transparente, transmissor de uma verdade garantida pelo espelhamento mimético, como se fazia no Naturalismo Japonês, principalmente quando adotada a forma *shishōsetsu*.

¹⁴ O narrador, inclusive, caracteriza Kanai, ao fim do livro, da seguinte forma: “No entanto, Kanai nunca agira por impulsos e força em prol de seu desejo sexual. Sempre se mantivera em uma posição defensiva, movido pela sua curiosidade e por seu espírito resguardado, não passando de algumas investidas desnecessárias em alguns momentos.” (MORI, 1992, p. 60, tradução própria). Lê-se no original: “しかし金井君は一度も自分から攻勢を取らねばならない程強く性欲に動かされたことはない。いつも陣地を守ってだけはいて、穢い Neugierde と余計な負けじ魂との為めに、おりおり不必要な衝突をしたに過ぎない。” Optei por manter as versões feitas por mim das traduções de *Vita Sexualis* por já ter trabalhado com o livro em questão (cf. SALDANHA, 2018) mas, ressaltado, há uma tradução disponível para o português, publicada em 2014, pela Estação Liberdade, sob a tradução de Fernando Chagas (cf. MORI, 2014).

¹⁵ O local de nascimento dos broncos ser Kagoshima, por exemplo, não parece gratuito. Ponto de certa resistência quando das mudanças ocorridas no Período Meiji, a antiga região de Satsuma e

古賀は不断酒を飲んでぐうぐう寝てしまう。しかし月に一度位荒日がある。そういう日には、己は今夜は暴れるから、君はおとなしくして寝ろと云い置いて、廊下を踏み鳴らして出て行く。誰かの部屋の外から声を掛けるのに、戸を締めて寝ていると、拳骨で戸を打ち破ることもある。下の級の安達という美少年の処なぞへ這入り込むのは、そういう晩であろう。荒日には外泊することもある。翌日帰って、しおしおとして、昨日は獣になったと云って悔んでいる。児島の性欲の獣は眠っている。古賀の獣は縛ってあるが、おりおり縛を解いて暴れるのである。しかし古賀は、あたかも今の紳士の一小部分が自分の家庭だけを清潔に保とうとしている如くに、自分の部屋を神聖にしている。僕は偶然この神聖なる部屋を分つことになったのである。古賀と児島と僕との三人は、寄宿舎全体を白眼に見ている。暇さえあれば三人集まる。平生性欲の獣を放し飼にしている生徒は、この *triumviri* の前では寸毫も仮借せられない。中にも、土曜日の午後に白足袋を穿いて外出するような連中は、人間ではないように言われる。僕の性欲的生涯が繰延になったのは、全くこの三角同盟のお陰である。後になって考えて見れば、若しこの同盟に古賀がいなかったら、この同盟は陰気な、貧血性な物になったのかも知れない。幸に荒日を持っている古賀が加わっていたので、互に制裁を加えている中にも、活気を失わないでいることを得たのであろう。(MORI, 1992, p. 28)¹⁶

Kagoshima virou palco de bombardeios após a recusa em cumprir ordens de pagamentos oficiais. Como um símbolo “parado no tempo”, os brancos parecem estar nessa conjuntura de formação emocional e dos prazeres em um caminho já deslocado ou, ao menos, assim se poderia dizer, caso se considerasse o escrito e lido como testamento e testemunho de verdade.

¹⁶ Na minha tradução: "Koga bebia sem abstinência e logo acabava dormindo. No entanto, quase uma vez ao mês, tinha seus dias difíceis. Nesses momentos, deixava-me dito “Já que hoje serei violento, fique comportado dormindo” e saía pelo corredor batendo o pé. Apesar de ouvi-lo do lado de fora do quarto de alguém, quando se dormia de porta fechada, havia dias em que Koga batia violentamente com os punhos fechados na porta. Essas pareciam ser as noites em que ele ia até o quarto de Adachi, um belo menino mais novo no colégio. Havia vezes em que também dormia fora e frequentemente voltava para casa arrependido, dizendo que havia agido como uma besta. A besta do desejo sexual de Kojima estava adormecida. A de Koga, por outro lado, apesar de amarrada, tinha seus momentos em que era liberta e agia violentamente. No entanto, Koga, como tinha uma pequena parte de cavaleiro, resguardava uma parte de seu lar virtuosamente, seu próprio quarto era como um santuário. E eu, coincidentemente, sendo um morador desse quarto, dividia seu santuário. O trio formado por mim, Koga e Kojima, observava todo o dormitório com olhos desdenhosos. Até nas nossas folgas nos reuníamos. Na frente deste *triumviri*, nenhum dos alunos, cujas bestas do desejo sexual eram criadas de maneira ordinária, escapava de nosso julgamento. Entre outras coisas, nas tardes de sábado, a gangue vestida com seus *tabi* brancos saía, dizendo coisas diferentes. O adiamento da minha vida dos prazeres foi, com certeza, graças à aliança desse trio. Depois de um tempo, ao refletir, via que, se Koga não estivesse nessa aliança, talvez a mesma teria se tornado algo sombrio e anêmico. Por sorte, por estar presente até mesmo em seus dias ferozes, conseguíamos controlar uns aos outros, sem perdermos a vivacidade."

A entrada, depois de adulto, no caminho heterossexual do erotismo, em uma casa de prazeres, traz a seguinte conclusão para Kanai:

四畳半の部屋に帰ってから、昨日の事を想って見る。あれが性欲の満足であったか。恋愛の成就是あんな事に到達するに過ぎないのであるか。馬鹿々々しいと思う。それと同時に僕は意外にも悔という程のものを感じない。良心の呵責という程のものを覚えない。勿論あんな処へ行くのは、悪い事だと思ふ。あんな処へ行こうと預期して、自分の家の閾を越えて出掛けることがあろうとは思わない。しかしあんな処へ行き当ったのは為方がないと思ふ。(MORI, 1992, p. 56; destaques próprios)¹⁷

A incursão sexual, se entendida pelo defendido nas análises de *Kokoro* como um caminho a ser seguido necessariamente do homo para o heteroerotismo, aqui já se mostra não só incompleto e insuficiente, mas besta, de um pesar sem tamanho. Kanai, ao revisitar sua trajetória de vida, tentando entender como sua sexualidade se formara, buscando assim deixar por escrito algo que, de certa forma, também fosse uma maneira de passar para seus sucessores o aprendizado adquirido, em seu *shishōsetsu* só mostra o contrário do esperado. Não há demonstração de certeza tão evidente como apontado por Sensei em *Kokoro*: o uso e o caminho dos prazeres (mesmo heterossexual) não traria, de forma alguma, a completude e a satisfação (*manzoku*, 満足) que o homem mais velho em Natsume Sōseki alegava ser impossível de se realizar somente entre homens, ainda que Watakushi nem sequer demonstrasse que suas discussões eram realmente sobre isso, na época em que conversavam.

Mori Ōgai, mais do que Natsume Sōseki, ao se mostrar crítico ao Naturalismo Japonês¹⁸, utiliza-se da tópica e da forma literária para chegar a uma conclusão que

¹⁷ “Ao retornar para o quarto de quatro tatames e meio, tentei refletir sobre os acontecimentos de ontem. **Isso é que é a satisfação dos desejos sexuais?** A realização das paixões não passava de atingir esse ponto? **“Quão besta”**, pensei. **Não senti nada igualmente tão pesaroso.** Não conseguia nem apreender as dores de minha consciência. Claro, ir para um lugar daqueles havia sido um fato péssimo. **Penso que não teria saído nem da soleira da porta de casa para ir em um lugar desses por vontade própria. No entanto, acredito que não havia outra forma a não ser acabar parando naquele lugar.**” (Tradução de nossa autoria).

¹⁸ Joy N. Afonso (2011), em sua dissertação “Natsume Sōseki - o olhar felino sobre as múltiplas faces do homem de Meiji”, através de *Eu sou um gato* (de Natsume Sōseki), mostra certas afinidades entre o autor e as tendências naturalistas, ainda que não se possa chamá-lo como membro da corrente. Já Mori Ōgai, desde o momento da fundação da revista *Subaru*, com outros escritores, demonstrava sua afirmação perante o Naturalismo como contrário à corrente; logo, ao utilizar a forma “naturalista por essência” (SIBLEY, 1968), ali já se observa certa necessidade de olhar com outras posturas o criado pelo autor, fato que não ocorre, por exemplo, quando da censura da obra a partir do governo que, ao observar a construção a partir de uma voz em primeira pessoa, logo já o liga ao *shishōsetsu* como mimese da realidade e construção de testemunho (RUBIN, 1998), passível de

parece um tanto avessa à época em questão. Ao demonstrar que o caminho entre os jovens garotos já não é mais tanto um caminho, devido à grande condenação do homoerotismo e da construção do mesmo como perversão (PFLUGFLERDER, 1999), também atribui a mesma dúvida ao próprio modelo científico construído que permite a mesma conclusão da perversão/erro do homoerotismo.

Kanai, ao se tornar uma pessoa frustrada, que considera a própria observação dos desejos como algo besta, de pesar sem tamanho, não parece garantir à teoria em voga, divulgada pelos meios estatais oficiais de sua época, e os estudos da Sexologia, um atestado de chave interpretativa da realidade que fosse, assim, correta e, muitos menos, que a evocação de si como reflexo desta grande realidade como mimese fosse de fato exemplar, capaz de eternizar-se na narrativa e, logo, desiste de continuar a escrita, ou mesmo dar chance de leitura a qualquer outra pessoa que se encontrasse disponível para ser leitor deste *shishōsetsu*.

Considerações finais

A manutenção da figura do filósofo como a única instância transparente, capaz de detectar e rereer todo e qualquer sinal advindo de outrem, é ponto de crítica, a partir da leitura de uma conversa entre Gilles Deleuze e Michel Foucault, por Gayatri C. Spivak, em *Pode o subalterno falar?* (2014). Tentando observar as articulações das formulações entre poder, interesse e desejo, o sumiço da ideologia como algo não mais necessário de ser sequer investigado pelos filósofos, quando da discussão do capitalismo tardio, é o ponto de tensão para a autora que se dedica a repensar, então, as cenas de enunciação dos dois filósofos franceses, frente à possibilidade de representar, através da escrita, os desejos de toda e qualquer pessoa a ser considerada como subalterna¹⁹.

O outro lado da moeda é a própria manutenção da figura do filósofo como capacitado para enxergar a transparência não só do seu próprio desejo, quase como alguém que não teria, por fim, desejos, mas também que toda e qualquer pessoa

censura pela demonstração, por exemplo, do caráter homoerótico em si, mas também da construção de todo um laboratório a respeito dos prazeres. Mesmo sendo crítico, no entanto, *Vita Sexualis* foi majoritariamente lido como um *shishōsetsu*, forma literária que, anos depois da elaboração naturalista, tomou outras diversas características (cf. NAGAE, 2006), impelindo, muitas vezes, que a própria utilização da primeira pessoa já seja indicio de *shishōsetsu*, ou que o eu-mimético já transpareça como obrigatoriedade de leitura na crítica literária especializada.

¹⁹ Os agravantes, ao fim do raciocínio, não devem ser ignorados, quando pensamos nas identidades em jogo a partir da dicotomia criada que gera a máxima a resumir o argumento da autora: homens brancos buscando salvar mulheres de pele escura de homens de pele escura (cf. SPIVAK, 2014, p.119). Tal construção tenta dar conta, assim, do fato de que, mesmo dentro da subalternidade, há diferentes tipos de opressão que fazem com que o entendido por subalterno não deixe de levar em consideração raça, gênero, orientação sexual, entre outras formas de criação de diferença, a partir da identidade, a demarcar nuances na própria caracterização na subalternidade.

em situação de subalternidade teria seus próprios desejos lidos como totalmente transparentes e acessíveis ao filósofo. Esse, capacitado para dar voz e atenção ao desejo subalterno, conseguiria falar e representar todo Outro qualquer, sem necessariamente qualquer distinção de arbitrariedade entre quem é o representado. As tensões nas (e das) filosofias da representação, quando da retirada da questão da ideologia, entre os termos supracitados no raciocínio da autora, fazem, além de uma possível manutenção dos desníveis de poder, em cenas de sujeição, uma questão a ser repensada, assim como impossibilitam que se pense, por fim, os desdobramentos e as questões que a repressão direcionada à subalternidade causa na opacidade (não na transparência) dos desejos (SPIVAK, 2014).

O transporte das questões levantadas a partir da Filosofia para a Teoria e Crítica Literária aqui se estabelece por se observar, tendo como objeto de análise um texto literário, a produção de ora laudos e ora sentenças a determinar, por exemplo, como em *Kokoro*, a certeza de o dito ali ser verificável na realidade, acabando por inverter os padrões e os parâmetros quando, no momento da leitura, o talvez mais evidente seja o oposto. O que gostaria de se verificar na realidade, portanto, é estabelecido como testemunhado pelo literário, a ponto de comprovar o buscado antes mesmo de se estabelecer o trajeto da busca.

O mesmo se pode dizer do observado em *Vita Sexualis*, quando o interpretado é visto como mimese da realidade: ao sugerir que o livro é banhado pela autobiografia, o que se impede como leitura é, talvez, o mais presente na própria produção de Mori Ōgai, que buscava pensar o mundo ao seu redor a partir do que vinha sendo feito, principalmente com os diálogos minimamente críticos traçados pelo autor, a partir da discordância, entre outras questões, com o Naturalismo e sua forma literária de preferência, o *shishōsetsu*. O autor chega, por ver uma caracterização (alheia) excessivamente negativa da sua obra, na qual tudo seria visto como lamúria ou rancor, a escrever, por fim, um texto no qual deixa evidente a sua retirada da cena literária, depois de ter mudado algumas vezes tanto o foco, quanto o estilo de sua escrita (cf. MORI, 1909), preferindo não mais exercer a função de escritor do que ter de lidar com a possibilidade de ser lido como o que, eventualmente, considerava não ser sequer literário/literatura.

A instituição crítica, como consequência, encarando o texto literário, mesmo se cheio de curvas e incertezas, como algo imanentemente transparente, dado que, a partir da mimese, só se pode encontrar representação (como na política), entra em um regime aporético de interpretação, por estar diante de algo que é feito a partir de material re-presentado (como nas artes e na literatura), no qual algo pode existir, minimamente, de maneira falseada²⁰. Mesmo quando Keith J. Vincent, em “Sexuality and Narrativity in Sōseki’s *Kokoro*” (2011), por exemplo, passa a

²⁰ A distinção e as consequências de considerar algo re-presentado como representado estão no trabalho já mencionado de Gayatri C. Spivak, *Pode o subalterno falar?* (2014).

considerar que os teóricos a pressuporem a transição da homossexualidade para a heterossexualidade como correto apenas um retrato a dizer mais sobre a crítica do que o conteúdo do livro em si, também faz uso de *Kokoro* como um testamento disponível para a conclusão dos desenvolvimentos sexuais de Sensei e Watakushi. Do outro lado, a tradução brasileira de *Vita Sexualis* apresenta a seguinte nota de rodapé, elaborada pelo tradutor, Fernando Chagas:

[...]. considerando o caráter autobiográfico da obra, acredita-se que o nome “Shizuka” tenha sido inspirado pelo outro pseudônimo de Ogai Mori, “Takayasu”. A mesma personagem também é citada na peça de teatro *Kamen* [Máscara] e no conto “Masui” [Sono encantado] (cf. MORI, 2014, p. 9).

O contexto da violência epistêmica se dá, portanto, a partir do momento no qual a produção literária precisa ficar subsumida ao critério de mimese daquilo a ser visto na realidade, ainda mais possivelmente necessária a matização quando se considera, por fim, que o tópico presente do artigo e dos textos cujo diálogo aqui se encontra é uma tentativa de entendimento de desejos não necessariamente ligados ao normativo, dentro da imposição como violência do registro da heterossexualidade.

Mesmo não obrigatoriamente ligado ao Naturalismo, Natsume Sōseki parece já traduzir algo a ser possível de observar, dentro da corrente literária em questão, quando do diálogo constante em suas obras com a estética naturalista (AFONSO, 2011). Tomando isso como ponto de partida, não só a própria Escola Naturalista no Japão pode ser colocada em foco como crítica a destinar, por exemplo, só e somente só a *Kokoro* e *Vita Sexualis* posições sempre em detrimento da diferença do observado naquilo que transformam a partir do Naturalismo, em suas obras, mas nos textos que também seriam entendidos a partir da filiação, irrestrita, a tal estética.

Se a literatura e a crítica literária não possuem força de lei para garantir aparato jurídico capacitado de julgar (e punir) o observado no texto como testemunho, como faz o Estado perante um perjúrio (DERRIDA, 2015; 2018), por exemplo, a consequência a ser observada é a mesma apontada pela transparência do filósofo, como em Gayatri C. Spivak, em *Pode o subalterno falar?* (2014). Ao exigir para si a figura de (melhor) intérprete da realidade, determinando o que é ou não definitivo dentro da obra literária, mantém-se tanto a posição da crítica literária como a melhor instituição de tradução do opaco na obra, quanto também se continua justificando a não observação do tópico aqui presente, a repressão ao mundo não heterocentrado, garantindo ao homoerotismo a função de passagem, caracterizando-o como plenamente observável, fora do regime do dissenso, nas obras literárias do Período Meiji.

Sem buscar determinar que o erotismo ocupa um ou outro lugar dentro das obras em questão, o que parece oferecer um ponto de dissidência, nestas conclusões, é a possibilidade de se entender o próprio desejo como constituído

dentro de uma aporia, a não se determinar uma origem construtora de tudo, dado que, na constituição psíquica do sujeito, tal “fonte” se encontraria quiçá em algo aquém e além do entendimento do Eu, principalmente em situações nas quais é obrigatório o entendimento de que ali há repressão, como nas discussões fora da heteronormatividade. Logo, o exercício de entender o Eu e seus desejos como algo fixo partiria sempre do olhar alheio, a ser sobredeterminado só-depois. Nessa formação opaca do desejo de Sensei, em *Kokoro*, o que se poderia observar é a própria digladição da determinação a vir de fora e interromper toda e qualquer tentativa de aproximação, de modo a não se instaurar qualquer laço a ser possivelmente entendido como o de dois homens, dentro ou não do erotismo.

Em contrapartida, toda e qualquer manifestação de erotismo, assim como da formação dos desejos, em *Vita Sexualis*, ao mimetizar a construção no Naturalismo, ofereceria também uma outra forma de olhar a própria determinação do heteroerotismo como regra. Se o entendido é uma investigação profunda, a ter conexão com a realidade ligada diretamente à autoria, por que a construção de algo como um ser humano frustrado, mesmo tendo ciência de quais eram os caminhos, assim como o que era possível a partir da certeza criada, pelos outros ao seu redor e de sua época, do que era o certo, o bom e o correto, poderia somente resultar em uma crise no sujeito ao qual tal desconforto é gerado, mas não à regra? Ao atribuir ao literário somente a correlação com o vivido na época, o que se deixaria de perceber que já não estava permeado pela violência, com a possibilidade de censura, declarada a partir do conhecimento que se coloca como determinante de todo o rumo de uma nação?

Os usos e possibilidades dos prazeres, assim, na formulação a partir de um Naturalismo criado mediante tal cena, produzem um caminho que não se encerra, mesmo quando as informações chegam só depois, dada a chance de reflexão a partir do visto e do vivido geradora de não somente um testemunho, mas sim, algo a já dizer mais sobre o outro lado, a fonte da violência como já problemática, não em torno da subalternização do outro, do homoerotismo. Paralelamente, o heteroerotismo, mesmo desejado de visão como transparente, norma e ponto de chegada, se caracterizaria exatamente por o que não é e, ao deixar o que não é sempre como algo impossível de ler e entender, sem se reforçar o ponto de partida do olhar (mais uma vez, o heteroerotismo), a conclusão só giraria em falso, uma aporia, até o movimento derradeiro de se determinar como e a partir da violência taxativa, re-presentation.

SALDANHA, F. P. Two critics of Japanese Naturalism and their critics' readings: Natsume Sōseki, Mori Ōgai and one version of *shishōsetsu*. **Itinerários**, Araraquara, n. 56, p. 193-211, jan./jun. 2023.

- **ABSTRACT:** *The article has two fronts: first, I reread arguments from critics related to Psychoanalysis and Aesthetics, focused on eroticism, in Natsume Sōseki's Kokoro. Exploring the arguments, I try to observe how the literary text is read as transparent, a testimony to obtain a medical report for Sensei and Watakushi, and what are the aporias that give literature enough strength to support such, without considering the fictionalization of reality as already mediated. To refine the arguments considered closed, around the construction of homosexual and heterosexual figures in Kokoro, the second movement brings, to comparison, Vita Sexualis, by Mori Ōgai, and its tensions with Naturalist aesthetic. It is intended, through the exposition, to demonstrate how the Romance of the Self (shishōsetsu) was read in parallax and, throughout the attempt to nuance it, I try to demonstrate that the arguments can only be taken to the last consequences if literary criticism is inserted as responsible for the translation of desire as transparent, to the point that psychoanalytic definitions propose a report to the characters, and how shishōsetsu itself becomes recognized as the primacy of self-centered (and autobiographical) narratives. The tensions are observed to justify such gesture as epistemic violence, given that, in the argumentative construction, what is ignored is the already critical relationship of the selected Japanese authors with Naturalism, trying, at the conclusion, to find other possibilities of analysing the same problems of the selected critics (that is, agreeing with the analysis of desire and homoeroticism) and the observable of it, bearing in mind the aporia of the repressive situation at the time.*
- **KEYWORDS:** *Natsume Sōseki. Mori Ōgai. Kokoro. Vita Sexualis. Japanese Naturalism.*

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Joy N. **Natsume Sōseki - o olhar felino sobre as múltiplas faces do homem de Meiji.** Orientadora: Luiza Nana Yoshida, 2011, 189f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), 2011.
- BARGEN, Doris G. **Suicidal honor: General Nogi and the writings of Mori Ōgai and Natsume Sōseki.** Honolulu: University of Hawaii Press, 2006.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CORDARO, Madalena N. H. Uma leitura erótica de Sōseki. **Estudos Japoneses**, n. 38, v. 2, p. 9-24, 2017a.
- CORDARO, Madalena N. H. **A erótica japonesa na pintura e na escritura dos séculos XVII a XIX.** São Paulo: EdUSP, 2017b.

- DERRIDA, Jacques. **Demorar**: Maurice Blanchot. Tradução de Flávia Trocoli e Carla Rodrigues. Santa Catarina: EdUFSC, 2015.
- DERRIDA, Jacques. **Força de Lei**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2018.
- KATO, Shuichi. The Age of Meiji. **A History of Japanese Literature: The Modern Years**. Tradução de Paul Norbury. Londres: The Macmillian Press, 1983, p. 243-282.
- KATO, Shuichi. **A History of Japanese Literature: From the Man'yōshū to Modern Times**. Tradução de Don Sanderson. Richmond: Routledge, 2013.
- KEENE, Donald. **Dawn to the West: Japanese Literature of the Modern Era. Fiction**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984a.
- KEENE, Donald. **Dawn to the West: Japanese Literature of the Modern Era. Poetry, Drama, Criticism**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1984b.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MAIA, Luís; ANDRADE, Fernando C. B. de. *Nachträglichkeit*: leituras sobre o tempo na metapsicologia e na clínica. **Estudos de Psicanálise**, n. 33, p. 75-90, jul./2010.
- MONZANI, João M. A. R. **Uma abordagem do romance “Kokoro” de Natsume Sōseki**. São Paulo: FFLCH/USP, 2013.
- MORI, Ōgai. Resignation no setsu (Resignationの説) (1909). Disponível em www.aozora.gr.jp/cards/000129/files/45272_19217.html. Acesso em 18 jan. 2022.
- MORI, Ōgai. Wita Sekusuarisu (キタ・セクスアリス). **Mori Ōgai** (Shincho Nihon Bungaku, vol. 1) (森鷗外. 新潮日本文学1). Tóquio: Shinchosa, 1992, p. 9-61.
- MORI, Ōgai. **Vita Sexualis**. Tradução de Fernando Chagas. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.
- NAGAE, Neide H. **De Katai a Dazai**: para uma Morfologia do Romance do Eu. Orientador: Homero de Freitas Andrade, 2006, 227f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), 2006.
- NATSUME, Sōseki. **Kokoro (こころ)** (1914). Disponível em www.aozora.gr.jp/cards/000148/files/773_14560.html. Acesso em 15 jan. 2023.
- NATSUME, Sōseki. **Kokoro — Coração**. Tradução de Junko Ota. São Paulo: Editora Globo, 2008.

PFLUGFLERDER, Gregory M. **Cartographies of desire**: Male-Male sexuality in Japanese Discourse, 1600-1950. Califórnia: University of California Press, 1999.

RUBIN, Jay. **Injurious to public morals**: writers and the Meiji State. Washington: University of Washington Press, 1998.

SALDANHA, Fabio P. **Das agruras de um jovem crisântemo**: *Vita Sexualis*, de Mori Ōgai (2018). Disponível em www.academia.edu/36906126/Das_agruras_de_um_jovem_cris%C3%A2ntemo_Vita_Sexualis_de_Mori_Ogai. Acesso em 13 dez. 2022.

SIBLEY, William F. Naturalism in Japanese Literature. **Harvard Journal of Asiatic Studies**, v. 28, p. 157-169, 1968.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra R. G. Almeida, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

VINCENT, Keith J. Sexuality and Narrative in Sōseki's *Kokoro*. CORNYETZ, Nina; VINCENT, Keith J. (Eds.). **Perversion and Modern Japan**: Psychoanalysis, Literature, Culture. Nova Iorque: Routledge, 2011, p. 222-241.

